

Mesmo esperada, a morte surpreende

Mesmo a experiência internacional de muitos profissionais de imprensa — acostumados a acontecimentos semelhantes — valeu muito pouco na hora em que os que mantinham plantão na noite fria de domingo começaram a sentir, momentos antes do comunicado oficial, que o presidente eleito Tancredo Neves tinha chegado ao fim de sua luta contra a morte. E perdido, o que realmente parecia impossível para quem acompanhou por 39 dias a ação do brutal quadro infeccioso que nunca o deixou em paz.

Às 22h15, a chegada ao Instituto do Coração do sobrinho e ministro da Fazenda, Francisco Dornelles, instantes depois do superintendente da Polícia Federal, Romeu Tuma, e com a "irreversibilidade do quadro clínico" soando em ouvidos já pouco atentos a "decisivas novidades" canalizadas por fontes oficiais, foi "difícil acreditar que a batalha tivesse chegado ao fim", confessava um correspondente estrangeiro. Mas tinha: às 22h23 sua resistência cessara. A junta médica podia estar inteira à sua cabeceira, neste instante, mas a rua do Incor continuava habitada pelos freqüentadores deste mês de agonia, obedecendo o quadro de uma hora quase tardia, de um domingo triste.

Não mais do que cem populares mantinham vigília, imprensados pelos cordões de isolamento junto à entrada do Centro de Convenções Rebouças. Um fogo de chão improvisado, dois operários, quatro desempre-



gados, alguns menores emocionados: o quadro de um encontro de pessoas que, juntadas às outras, não mudaria a qualidade. Era o povão com a mesma fé, quase revolta, gritando o que podia contra tudo e todos.

Além de instantâneas mensagens enviadas ao mundo, uma correia inicial quase descontrolada. Uma hora depois, só restava a trágica calma dos que tiveram nervos para acompanhar os altos e baixos "deste abril que durou um século". Somente minutos antes das três horas é que os jornalistas foram despir-se do incrível, para ouvir as palavras emocionadas do porta-voz, Antônio Britto, que interrompeu uma reunião de assessores presidenciais com fotografos, que acompanhariam o cortejo fúnebre para um agradecimento:

"Quero agradecer aos jornalistas, a forma digna e corajosa com que trataram a cobertura destes tristes acontecimentos. A dor da gente é a mesma dor de vocês. Tenho certeza de que, apesar das dificuldades, não podemos deixar que isso termine aqui. Toda essa energia que se comprovou nesses dias, de uma forma histórica, terá a partir de amanhã, outra canalização. Ou seja, a de que possamos colaborar também para que o País encontre forças no caminho para homenagear Tancredo, que pela bravura merece". Acompanha Britto, o secretário para Assuntos Extraordinários, Mauro Salles e também tinha algo para dizer. Bem mais forte: era um recado dos familiares para os jornalistas. Emocionado,

com a voz entrecortada, vacilante e, às vezes não conseguindo concatenar o fim de uma frase com o começo de outra, Mauro Salles disse para os jornalistas:

"Quero transmitir uma palavra de dona Risoleta, Tancredo Augusto, Inês Maria, Maria do Carmo, Aécio e dos irmãos de Tancredo e de dona Risoleta. E de todos que conviveram com Tancredo na derradeira batalha... com muita esperança, fé... e vou transmitir uma palavra de compreensão e amizade. Se lá em cima vivíamos de sofrimento e esperança, se lá em cima vivíamos momentos de fé e amargura, era através de vocês que chegava até nós, pelo rádio, jornais e televisão, o coração dos brasileiros. E, se aquela família conseguiu não se dobrar, conseguiu não envergar, conseguiu não perder em nenhum momento a serenidade e muito menos a dignidade, em grande parte ela deve isso ao que vocês levaram até ela".

Quase apoiando-se na mesa de conferências que lhe servia de apoio, às costas, Mauro Salles ainda teve forças para lembrar pequenos mal-entendidos que nas milhares de linhas, palavras e imagens diárias que nunca chegaram a comprometer o papel, nem de um, nem de outros. "Se houve alguns momentos de incompreensão ou dúvida, elas certamente foram poucas diante do trabalho de vocês, mil e setecentos profissionais, aqui, na chuva e no sol, sofrendo conosco. Elas certamente foram poucas diante de muitas horas de luta e da bravura daqueles médicos, enfermeiros, atendentes, faxineiros, garçons, gente humilde. Todos fizeram com que a luta do terceiro andar e a espera do quarto andar, fosse uma luta de fé."

Para deixar bem claro que se tratava de um recado dirigido à imprensa, que fez de São Paulo sua cidade e do Incor seu duro garimpo de notícias tristes, o secretário foi objetivo: "Aquele família pede que vocês recebam dela as desculpas nos momentos em que não foi possível contar com uma palavra, uma entrevista, um aceno, um gesto qualquer de compreensão. E de esperança que, de alguma forma, se cumpra o exemplo do dr. Tancredo... que o exemplo modesto daquela família tenha calado no coração de todos vocês, como a luta de todos vocês calou no coração daquela família". Mais do que isso não poderia ter dito. Nem o "muito obrigado" formal foi audível; naquele instante da madrugada, formalizava-se o corpo sem vida do homem que foi a grande esperança brasileira.

Providência necessária quando o morto precisa ser trasladado e ficar exposto por tempo mais longo. Diferentemente do embalsamamento, processo que consiste na impregnação do corpo com aromas, além da substituição das vísceras por substâncias balsâmicas. Na formolização, aplica-se formol por meio de injeção na artéria femoral, sem a remoção das vísceras. O processo fica pronto no prazo de uma hora, mais ou menos. A seguir, o corpo é preparado mediante o emprego de algodão embebido em formol para vedar os orifícios naturais.

Amanhecia, e os dizeres de uma das faixas que apareceram rapidamente davam a impressão de que previa a imensa demonstração de carinho do povo paulista, ao acompanhar num grande cortejo a derradeira viagem de Tancredo até o aeroporto de Congonhas. Juntos, como ele pediu um dia, ainda com forças para exigir união do povo que tanto amou: "Não vamos nos dispersar. Continuemos unidos como nas praças públicas, com a mesma emoção, com a mesma dignidade e a mesma devoção".



Britto comunica a morte, para desespero das pessoas em vigília na porta do hospital

Fotos Domicio Pinheiro e Joveci de Freitas